

**JOSÉ RODRIGUES  
DOS SANTOS**

**O PROTOCOLO  
CAOS**

**R O M A N C E**

 Planeta

Às minhas quatro meninas.



*O caos é uma ordem por decifrar.*

JOSÉ SARAMAGO



Este romance é uma obra de ficção inspirada em factos reais.



## Prólogo

A imagem formou-se no ecrã, mostrando um homem de capuz, óculos escuros a taparem-lhe os olhos e um lenço a cobrir-lhe as feições do rosto. A referência do *link* no topo da imagem indicava o sinal da aplicação Facebook Live, confirmando que se tratava de um *livestream*. O encapuzado abriu a porta de um automóvel estacionado no passeio e instalou-se no lugar do condutor; transmitia-se a si próprio em direto a partir do que parecia ser um *smartphone*.

O desconhecido encarou a câmara e respirou fundo, fitando os espectadores que assistiam a tudo através do Facebook Live. Nos bancos traseiros amontoavam-se armas semiautomáticas e caixas de munições.

“A festa vai começar.”

A imagem tornou-se turbulenta, sacudindo-se de um lado para o outro; ora mostrava o assento, ora o teto, ora o tabliê. Por fim estabilizou ao alto, deixando ver o volante, o painel de bordo e a paisagem revelada pelo vidro dianteiro, incluindo a rua, as casas e as árvores nos passeios. Claramente o *smartphone* acabara de ser fixado no topo do capuz do homem.

O carro arrancou, começando a movimentar-se pela rua. Uma canção numa língua eslava irrompeu no interior, sem dúvida proveniente do sistema de som da viatura.



*Od Bihaća do Petrovca sela, do Petrovca sela  
Srpska zemlja napadnuta cela, napadnuta cela*

*Karadžiću vodi Srbe svoje, vodi Srbe svoje  
Nek se vidi, nikog se ne boje, nikog se ne boje*

O percurso durou apenas alguns minutos, sempre ao ritmo da mesma canção.

*Joj da vide hrvatske Ustaše, hrvatske Ustaše  
Ne dirajte vi ognjište naše, vi ognjište naše*

A certa altura apareceu no passeio um longo muro branco, escurecido pela humidade e rasgado a meio por um portão que dava acesso a um enorme edifício. A cúpula dourada e o minarete, juntamente com os grupos de pessoas de aspeto paquistanês, afegão, malaio ou de outras regiões da Ásia que para o edifício convergiam, tornavam claro que se tratava de uma mesquita.

O automóvel estacionou na berma, a canção calou-se e o motor também. O relógio digital no tabliê assinalava as 13h40. A imagem rodou, viu-se a rua e a seguir os bancos traseiros com as armas e as munições, os braços estendidos do homem a remexerem o material bélico; o condutor tinha-se apeado e pelos vistos selecionava as armas. Escolheu uma caçadeira de canos serrados, a expressão *kebab remover* esculpida na coronha, e carregou-a com balas. A seguir pegou numa espingarda semiautomática *AR-15* e pendurou-a a tiracolo. Depois armou a caçadeira. Tudo com muita calma.

Já devidamente equipado, fechou a porta do carro e começou a caminhar. Junto ao portão estavam quatro jovens asiáticos à conversa, três de *jeans* e um de *kaftan* branco. Os jovens olharam-no com uma certa surpresa; não era evidentemente normal um desconhecido de capuz e *smartphone* fixado sobre a cabeça entrar no recinto da mesquita com uma caçadeira de canos serrados nas mãos e uma *AR-15* pendurada ao ombro.

Um dos jovens, o de *kaftan*, ergueu a mão hesitante.

“Olá, irmão.”

O recém-chegado apontou-lhe a caçadeira e disparou. Ato contínuo, e quase como se estivesse num jogo de vídeo, virou a arma para os restantes, todos paralisados de surpresa, e disparou sucessivamente até ficarem os quatro estendidos no chão, a terra molhada de sangue. Eclodiram gritos e a imagem mostrou alguns homens, mulheres e crianças a correrem desvairados em várias direções, em busca de abrigo. Apontou ao acaso para eles, sem discriminar mulheres e crianças, e voltou a abrir fogo. Derrubou assim várias pessoas até as balas se esgotarem.

Atuando sempre de forma calma e metódica, o intruso encaminhou-se então para a mesquita, ao mesmo tempo que ia recarregando a caçadeira com munições. Múltiplos sapatos amontoavam-se à porta. Entrou no edifício e deparou-se com dezenas e dezenas de fiéis, provavelmente até centenas de pessoas, a maior parte sentada no grande tapete azul-turquesa a meio das suas orações, os mais próximos da porta com uma expressão inquisitiva nos olhares; pelos vistos não tinham ainda percebido o que se estava realmente a passar.

Não perdeu tempo. Apontou para o homem mais próximo e disparou. Voltou a caçadeira para um segundo homem e disparou. Depois para um terceiro e disparou. Desencadeou-se um verdadeiro pandemónio no interior da mesquita. A multidão abriu alas, tentando escapulir-se por qualquer passagem ou abrigo por onde se pudesse esgueirar como água a deslizar pelas escapatórias, mas o intruso não parava de disparar e os crentes que não conseguiam fugir tombavam em sucessão. Dir-se-ia mesmo um videojogo.

A dado momento, a caçadeira disparou em seco. As munições haviam-se esgotado. O atacante largou a arma e pegou na *AR-15* que trazia a tiracolo, esta com o número 14 esculpido na coroa, e apontou-a genericamente à multidão, uma luz estroboscópica a piscar no cano. Voltou a abrir fogo, mais pessoas tombaram no chão, os gritos recrudesceram, a confusão tornou-se generalizada e o pânico total. As detonações soavam diferentes das da caçadeira de canos serrados e a sequência de tiros também; a caçadeira disparava tiro a tiro, a semiautomática

largava rajadas curtas. Mas a letalidade era a mesma e os corpos iam-se amontoando no interior da mesquita.

Depois de abater mais de uma dezena de homens, alguns atingidos por oito ou nove balas das rajadas, o cartucho das munições saltou da arma e caiu sobre o tapete azul-turquesa, forçando o atacante a interromper a matança. Encaixou outro cartucho na semiautomática, mas o salão principal das orações tinha-se entretanto esvaziado. Avançou por isso para o salão contíguo, a ala das mulheres e crianças, e recomeçou a disparar. Elas caíam em sucessão, aqui uma idosa, ali uma rapariga, a seguir um bebé, depois uma adolescente. A certa altura o atirador já nem apontava, disparava para a massa de corpos comprimidos uns nos outros, os das pessoas que não tinham conseguido fugir, até estarem todas estendidas no chão no meio de poças de sangue.

Recarregou mais uma vez a *AR-15* e voltou ao principal salão das orações. Só havia aí homens caídos, uns mortos e outros feridos; os restantes já tinham escapado. Ao passar pelos corpos, ia disparando um tiro na cabeça de cada um; na dúvida, o *coup de grâce* era a única maneira de garantir que morriam mesmo. Por fim, regressou à porta de entrada, sempre a desferir o tiro de misericórdia na testa de todos os corpos estendidos ao longo do caminho.

Chegou à saída do edifício religioso e consultou o relógio. Os ponteiros indicavam as 13h47. Tinham-se passado sete minutos desde que estacionara o automóvel e apenas cinco desde que abrira fogo pela primeira vez. Já não havia ninguém de pé. Era hora de se retirar. Encaminhou-se para o portão. Ao aproximar-se dos corpos dos quatro rapazes que abatera no início do ataque, cruzou-se com uma mulher deitada no chão; estava encharcada de sangue, mas permanecia viva e mostrava-se consciente. O encapuzado parou e inclinou-se, como se quisesse ouvir o que ela tinha para dizer.

“Não!”, implorou a mulher, o rosto contraindo-se num esgar de horror. “Por favor, não!”

Apontou-lhe a arma semiautomática.

“Tenho filhos, tenho...”

Meteu-lhe uma bala na testa e ela ficou imediatamente imóvel, os pés a tremerem no estertor final. O atacante retomou a marcha, passou o portão, entrou no automóvel e arrancou a grande velocidade.

O som da canção eslava voltou a encher o interior da viatura.

*Iz Krajine krenuli su vuci, krenuli su vuci  
Čuvajte se Ustaše i Turci, Ustaše i Turci*

*Karadžiću vodi Srbe svoje, vodi Srbe svoje  
Nek se vidi, nikog se ne boje, nikog se ne boje*

O condutor respirou fundo.

“As armas funcionaram bem”, observou em voz alta, como se apresentasse um relatório, claramente a falar para os espectadores que tudo acompanhavam em direto pela emissão do Facebook Live. “Pena aquele cartucho que caiu no chão a meio do combate, hem? Quanto ao resto, rapazes, nem tive mesmo tempo para apontar. Caramba, havia tantos alvos...”

A viagem para o destino seguinte foi rápida. O relógio no tabliê assinalava as 13h52 quando estacionou o automóvel no passeio ao lado de um edifício branco, pequeno e de aspeto rudimentar, uma espécie de pavilhão prefabricado. Vários asiáticos encaminhavam-se para o edifício, uns em trajos ocidentais e outros nas vestes tradicionais muçulmanas. Mais alvos.

Sempre a transmitir tudo em direto pelo Facebook Live, o homem repetiu o ritual que já havia cumprido na ação anterior. Saiu do carro, voltou-se para os bancos traseiros, pegou na mesma espingarda semiautomática AR-15 que tinha acabado de utilizar e numa nova caçadeira de canos serrados, encheu-as de munições e, enfim preparado, enfrentou as pessoas que se dirigiam para o pequeno pavilhão branco e abriu fogo com a caçadeira, derrubando os alvos mais próximos.

A caçadeira de repente deixou de disparar, talvez por ter encravado ou, se calhar, porque as munições se haviam esgotado, e o atacante atirou-a ao chão. Quando preparava a AR-15 para retomar o ataque, contudo,

um dos muçulmanos, um homem de *kaftan*, lançou um objeto grande na direção do agressor, obrigando-o a desviar-se. O muçulmano apanhou a caçadeira largada no chão e apontou-a ao atacante.

Assustado, o encapuzado meteu-se de imediato no carro, pois não sabia se a arma se desencravaría e se poderia ser alvejado, e arrancou prontamente dali. Ainda ouviu o vidro traseiro do automóvel partir-se, atingido pelo muçulmano que reagira, mas logo a seguir a viatura fez uma curva e depressa ficou fora da linha de tiro.

Ao fim de alguns segundos, o sinal do Facebook Live foi interrompido. Acabara-se a transmissão em direto por *streaming*. Mas a gravação continuava. O carro prosseguiu para fora da malha urbana, penetrou numa zona de floresta e meteu inesperadamente por um caminho de cabras, abandonando a estrada principal e pondo-se assim ao abrigo de uma rápida deteção pelas autoridades.

Numa zona protegida por árvores e rochas gigantes, a viatura imobilizou-se. A imagem, até aí estável, voltou a balouçar caoticamente de um lado para o outro, mostrando uma sucessão rápida de objetos, o volante, o teto, os assentos, o tabliê, até por fim se imobilizar no rosto do atacante; este pelos vistos desmontara o *smartphone* do capuz e enca-rava agora a microcâmara do aparelho.

Com a imagem fixa nele, o homem retirou o capuz, a seguir soltou o lenço que lhe cobria o rosto e tirou os óculos escuros que lhe ocultavam os olhos verdes. Enfim com as feições descobertas e o rosto revelado ao mundo, o assassino em massa esboçou o mais maravilhoso dos sorrisos.

Era Tomás Noronha.

## I

O verão acabara apenas dois dias antes e as folhas já haviam começado a tombar das árvores, estendendo um suave tapete avermelhado pelos passeios de Ryazan; dir-se-ia relva em brasa. Os primeiros sinais do outono não pareciam, no entanto, interessar a Dimitri Chernyshev. Sentado no seu gabinete da esquadra do bairro de Dashkovo-Pesochnya, o tenente da polícia russa alheara-se da paisagem para lá da janela e mantinha os olhos azuis presos ao ecrã do computador.

Desde a sua juventude, quando frequentara o liceu número 1535 de Moscovo, que Dimitri se sentia fascinado com as promessas do universo digital. Fora na época da União Soviética. A verdade é que a ditadura comunista, centralizada e obcecada com a vigilância da população ao ponto de se tornar paranoica, se atrasara em relação ao Ocidente no desenvolvimento destas tecnologias. Sim, claro, no Instituto de Eletrotecnologia de Kiev havia sido desenvolvida na década de 1950 uma máquina de cálculo eletrónico designada *MESM*. Depois disso, foram concebidos os computadores *Strela*, *Mir*, *Minsk*, *BESM*, *Argon*, e ainda o *Micro-80* e o *Radio-86RK*, entre outros.

O facto, todavia, é que o país se revelara incapaz de competir com o ritmo de desenvolvimento, e sobretudo a qualidade, dos computadores produzidos pela indústria ocidental. Para esconder retoricamente as suas insuficiências, resolvera demonizar esta tecnologia. No seu afã de a desvalorizar, chegara mesmo a descrever os computadores como um produto pequeno-burguês do capitalismo decadente.

Balelas, como era evidente. Aquela propaganda para saloios jamais iludira Dimitri ou quem quer que se interessasse pelas tecnologias do futuro. Nessa época, aliás como agora, o rapaz não manifestava o menor interesse em ideologia, nem no que dizia o regime. Papagueava a doutrina porque a isso era obrigado, todos naquele tempo tinham de trautear a mesma canção, mas o que os lábios falavam a cabeça não pensava nem o coração sentia. O que lhe interessava mesmo eram os computadores e as possibilidades infinitas que eles abriam ao futuro. O sonho de Dimitri sempre fora o de entrar na Academia Soviética das Ciências e lidar com máquinas que pensassem e até que fossem capazes de falar, como às vezes via nos filmes de ficção científica.

A fantasia desses filmes começara a tornar-se realidade quando, nos seus tempos de estudante, foi instalado o *Elektronika BK-0010* no liceu número 1535. O primeiro computador que viu ao vivo! Ah, que emoção! Teve, porém, de esperar pela queda do comunismo para deitar as mãos a um precioso *Agat*, na verdade uma simples imitação do *Apple II* americano, com a diferença de que se estava sempre a avariar. Mas essas avarias nem o incomodavam; constituíam excelentes pretextos para abrir a máquina e estudá-la por dentro como se lhe buscasse a alma.

“Chá?”

Levantou os olhos. Ekaterina, a nova secretária da esquadra, sorria-lhe com uma chaleira na mão, uma coluna de vapor a fumegar pelo cano. Havia já um ano que Dimitri não tinha namorada e a presença da nova contratação feminina da esquadra não o deixava indiferente. A rapariga era agradável, com o seu cabelo alourado nas pontas e os grandes olhos castanhos a brilharem de vida. Além do mais, aproximava-se com frequência dele, o que não lhe parecia acidental e abria mil possibilidades; era só uma questão de lhe dar conversa e ver onde a cantilena o levaria.

O tenente pegou na chávena que tinha pousada ao canto da secretária e estendeu-lha.

“Só um bocadinho, por favor.”

A secretária verteu o chá para a chávena dele.

“Há mais descobertas sobre Volgodonsk?”

Tratava-se de uma referência ao último de uma sequência de atentados que nos dez dias anteriores atingiram várias cidades e fizeram um total de trezentos mortos e mais de seiscentos feridos, lançando o medo pela Rússia. Em todo o país não se falava de outra coisa.

“Pelos vistos foram os chechenos”, devolveu o polícia. “E o governo sem nada fazer. Uma vergonha! Apesar de ser chequista, este novo primeiro-ministro é igual aos outros. Todos uns bananas.”

O primeiro-ministro em causa chamava-se Vladimir Putin, indigitado para essa função apenas no mês anterior.

“Desculpe, senhor tenente, o novo primeiro-ministro é chequista?”

“Claro, era do KGB, não sabia? Além do mais, antes de assumir as funções de chefe do governo, dirigiu o FSB”, lembrou, referindo-se aos serviços de segurança do Estado, conhecidos no tempo comunista sucessivamente com a designação de Cheka, NKVD e KGB, nomes diferentes para a mesma temível organização. “Mas agora está tudo diferente. O tipo só subiu ao poleiro por ajudar o Ieltsin a livrar-se do procurador que o andava a investigar, mais nada. Quanto ao resto, só quer tacho. Como todos, aliás. Oiça o que lhe digo, minha linda, a nossa Rússia está perdida.”

Ela terminou de lhe encher a chávena e abanou a cabeça.

“Só sei que estes atentados foram horríveis”, observou. “Tenho primos em Volgodonsk e eles contaram-me que por lá ainda está tudo em choque. Já viu isto? Os bandidos destruíram à bomba prédios inteiros cheios de gente. Primeiro Buynaksk, depois Moscovo, agora Volgodonsk. Uma tragédia! Até mataram crianças, esses selvagens. Como é possível haver gente tão cruel?”

Encolhendo os ombros, Dimitri sorveu um trago do chá.

“Neste mundo há pessoas dispostas a tudo”, disse no tom de quem expunha uma evidência. “Para travar os criminosos só estamos cá nós, a polícia.”

A rapariga desviou o olhar para a pistola que ele trazia à cintura.

“Se visse um desses chechenos pela frente, o que faria o senhor tenente?”

O polícia endereçou-lhe um riso traquina.



“O que acha que faria um homem armado com um pistolão como o meu?”

Ela reprimiu uma risadinha.

“Oh, vá lá. O que lhe faria?”

“O meu dever, claro. Um tiro entre os olhos. Pimba.”

“Ai, que durão...”

“Oh, nem imagina.”

A conversa carregava-se de subentendidos, mas talvez aquele não fosse o melhor momento para flirtar. Os atentados nos prédios estavam a deixar toda a gente nervosa, e Ekaterina parecia particularmente afetada.

“Agora a sério, o que acha o senhor tenente que o nosso presidente vai fazer para parar isto?”

“O Ieltsin? Nada. Talvez enfrascar-se com vodca, como de costume.”

“E o novo primeiro-ministro?”

“Nada, também. Já lhe disse, esta malta só quer uma fatia do bolo. Basta olhar para os oligarcas. Eles governam-se e o povo é que se lixa. É sempre a mesma coisa.”

As palavras do agente deixaram a secretária momentaneamente chocada. Os atentados haviam de facto sido horríveis, tinham morrido centenas de pessoas nas explosões dos prédios das três cidades e... não seria feito nada? Como era possível?

Vendo a atenção do seu interlocutor regressar ao computador, virou-se para voltar ao samovar e preparar mais chá para oferecer a outros agentes da esquadra, mas suspendeu o movimento a meio e voltou a encarar Dimitri.

“O senhor tenente não achou estranho o que disse o presidente da Duma?”

O agente, já imerso no mundo digital, pestanejou ao regressar ao mundo real.

“Hã?”

“A declaração do Seleznev”, insistiu. “Ele interrompeu a sessão na Duma para anunciar que tinha recebido a notícia do atentado em Volgodonsk.”

“E então?”

“O Seleznev disse isso três dias antes do atentado.”

Dimitri voltou a pestanejar.

“Perdão?”

“Não sabia? Foi a minha prima que me contou. Três dias antes da destruição do prédio em Volgodonsk, o presidente da Duma anunciou que o atentado tinha acabado de ocorrer em Volgodonsk. Na altura ninguém prestou grande atenção, uma vez que não tinha havido ainda qualquer atentado na cidade, mas em Volgodonsk uma coisa dessas não passou despercebida, como deve calcular. Toda a gente achou bizarro o Seleznev falar de um atentado na cidade três dias antes de ele ocorrer. Estranho, não é?”

A informação deixou o agente surpreendido. Nunca ouvira falar em tal coisa.

“O presidente da Duma falou no atentado de Volgodonsk três dias antes de ele ocorrer?” Abanou a cabeça. “Não pode ser, menina. Deve haver engano.”

“Eu fui confirmar no jornal, senhor tenente. O Seleznev anunciou mesmo o atentado de Volgodonsk três dias antes. Logo depois da explosão, houve até um deputado que o questionou sobre isso na Duma. Está escrito no jornal.”

Dimitri considerou por momentos a questão antes de o rosto se abrir num sorriso.

“Oiça, o que de certeza se passou é que o FSB tinha suspeitas de que poderia ser lançado um ataque em Volgodonsk e o presidente da Duma percebeu mal a informação e julgou que o ataque já tinha ocorrido. Mal-entendidos desses acontecem por vezes, sobretudo em situações confusas como estas.”

Ekaterina considerou a explicação.

“Sim, tem razão”, acabou por reconhecer. “Foi sem dúvida isso o que sucedeu.” Acenou com a chaleira. “Quer mais chá, senhor tenente?”

“Não me chame senhor tenente, até parece que estamos na tropa. Porque não me trata por Dimitri? Ou, melhor ainda, por Dima?”

Ela sorriu.

“Só se me chamar Katja. Ekaterina soa demasiado formal, parece que está a falar com a minha avó.”

“Hmm... então fica combinado. Mas, claro, quando as pessoas se tratam pelo nome próprio é porque se tornaram amigas, não é? Posso considerá-la minha amiga?”

“Claro.”

“Os amigos às vezes saem juntos. Para ir ao cinema, para tomar um café, para jantar...”

Ekaterina riu-se.

“Já vi que tenho de ter cuidado consigo. É muito esperto.”

“Sou, não sou? E então quando é que vamos tomar um café juntos?”

A rapariga deu meia-volta e regressou para junto do samovar, de onde lhe atirou um olhar carregado de promessas.

“Vou pensar nisso.”

Com jeito seria bem capaz de levar a água ao seu moinho, pensou ele, voltando-se de novo para o ecrã do computador. Dimitri era de longe o melhor agente da esquadra a lidar com as novas tecnologias e o chefe havia-lhe encomendado um trabalho de cruzamento de dados que só ele seria capaz de executar. Mergulhou por isso em todo aquele mar de informação e recomeçou a estabelecer correlações. Os dados envolviam transações financeiras e a sua função era verificar os fluxos de dinheiro e procurar ligações que não eram óbvias. A Rússia pós-Império Soviético tornara-se um faroeste de *gangsters* e oligarcas, e travar as negociatas criminosas entre gente poderosa estava a revelar-se um quebra-cabeças para a polícia.

Ao fim do que pareceram algumas dezenas de minutos, uma voz quebrou-lhe a concentração.

“Dima, temos aqui uma chamada de um cidadão com uma informação bizarra.”

Tinha necessidade de se concentrar na tarefa sem ser perturbado, mas ocultou a impaciência quando constatou que fora Ekaterina quem o interrompera.

“Passe ao chefe de turno, se faz favor.”

“Você é agora o chefe de turno, Dima.”

A informação deixou-o momentaneamente espantado. Olhou pela janela e constatou com surpresa que a noite já caíra. Consultou o relógio; eram 21h15. O tempo voara e ele, embrenhado no trabalho ao computador, nem dera pela passagem das horas. Com exceção de Ekaterina, todo o pessoal do secretariado já tinha ido para casa.

Respirou fundo, resignado.

“Passe lá a chamada.”

A rapariga desapareceu e, momentos depois, o telefone que ele tinha sobre a secretária tocou.

“Tenente Dimitri Chernyshev”, apresentou-se logo que pegou no auscultador. “Quem fala?”

“Boa noite, senhor polícia”, respondeu uma voz rouca do outro lado da linha. “Chamo-me Tankov. Alexei Tankov. Sou motorista e vivo num prédio da Rua Novoselov, não sei se sabe onde é.”

“Sim, sei. Diga.”

“É para reportar um incidente suspeito, senhor polícia.”

Desde os tempos da União Soviética que “reportar incidentes suspeitos” se tornara um desporto nacional.

“Diga.”

“Há coisa de dez minutos vi um automóvel de cor branca, marca Zhiguli-5 ou Zhiguli-7, não sei bem. O carro parou diante do meu prédio e saíram do interior duas pessoas, um homem e uma mulher. Entraram no edifício pela porta da cave e, poucos minutos depois, voltaram para a via-tura. Aproximaram-na da porta da cave. A seguir, saíram três pessoas do carro, incluindo o mesmo casal, e vi-os carregarem sacos da bagageira para a cave. Passado um pouco, regressaram todos ao carro e foram-se embora.”

“Se calhar eram moradores do prédio...”

“De modo nenhum, senhor polícia. Isso posso garantir-lhe, ou não me chame eu Alexei Ivanovitch Tankov. Conheço toda a gente que aqui vive e posso assegurar-lhe que nunca vi esta gente nas redondezas. Além do mais, a matrícula do automóvel era de Moscovo.”

“Vi a matrícula?”

“Até tomei nota, senhor polícia. Era... deixe cá ver... ah, aqui está. T 534 BT 77 RUS.”

O agente registou a sequência de algarismos e letras.

“E que mais?”

*“A questão é esta, senhor polícia: que sacos são estes que desconhecidos oriundos de Moscovo vieram aqui meter na nossa cave? Eu cá não quero confusões, mas com estes atentados todos a gente anda nervosa, não é? Os chechenos são tramados. Sabe, o meu filho combateu no Afeganistão e disse-me que é preciso desconfiar deste tipo de gente. Uns fanáticos capazes de tudo.”*

A referência a chechenos despertou a atenção do tenente.

“Esses tipos que o senhor viu a transportar os sacos tinham ar de chechenos?”

*“Bem... não exatamente, senhor polícia. A bem dizer, pareceram-me... enfim, dos nossos.”*

“Quais nossos?”

*“Russos, senhor polícia. Mas olhe que lá na Chechénia há muitos dos nossos que se juntaram a eles, como sabe.”*

Tudo aquilo soava a uma história da treta.

“Oiça, senhor Tambov...”

*“Tankov.”*

“... tenha calma, não se preocupe e durma descansado. Isso não é nada.”

*“Quer dizer, está bem, não digo que sejam terroristas chechenos, mas... e se forem traficantes? Isto agora anda cheio de máfias, senhor polícia, e aquilo que eu vi era gente finória, ouviu? Não tinha nada a ver com o povo que aqui vive. Eu pergunto-me: o que está nestes sacos? Será droga? Não é melhor verificar? Ou... ou prefere o senhor que eu ligue para outra esquadra?”*

Os elementos do público que passavam a vida a ligar para a esquadra a “reportar” todo o tipo de incidentes ganhariam de certeza a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos dos Chatos se estes jogos existissem. A vontade de Dimitri era dizer ao homem para ser menos abelhudo, meter-se na sua vida e ir mas é dormir, mas... e se fossem mesmo traficantes? Parecia claro que o tipo, paranoico como pelos vistos era, iria telefonar para outra esquadra e se algo fosse realmente descoberto ele

seria acusado de falta de zelo nas suas funções e punido. Em obediência aos regulamentos que orientavam a polícia desde os tempos soviéticos, tinha consciência de que não podia ignorar a denúncia.

Resignou-se.

“Qual é o endereço?”

*“O prédio onde vivo? É no 14/16 da Rua Novoselov, senhor polícia. É fácil de encontrar, há uma loja de conveniência no rés do chão.”*

Dimitri tomou nota da morada.

“Já aí vamos.”

Desligou o telefone e levantou-se. Pegou no casaco, vestiu-o e dirigiu-se ao gabinete vizinho, onde um outro agente dormitava com os pés estendidos sobre a secretária.

“Andrei, anda daí.”

O agente estremeceu e encarou-o, estremunhado.

“Hã? Hã?”, agitou-se. “O que... o que se passa?”

“Temos um serviço.”

Andrei pôs-se de pé e, ainda meio atarantado, verificou a arma.

“Aconteceu alguma coisa?”

O tenente pôs o boné na cabeça e saiu para a rua, enfrentando o ar fresco da noite de Ryazan.

“Nada de especial”, retorquiu. “Já voltamos.”

O que o esperava, porém, iria mudar a sua vida.

E a do mundo.